

Eleições 89

Faixas, bandeiras, adesivos e posters dos candidatos contagiaram os eleitores, que festejaram durante o dia inteiro o retorno às urnas depois de 29 anos.

Houve brigas e detenções. Mas o clima foi mesmo de festa.



São Paulo: a avenida Paulista tomada pelos cabos eleitorais de Covas. As comemorações se repetiram pelo País inteiro.

Niderauer Corrêa, referindo-se às regiões de colonização italiana, onde o vinho é a principal bebida.

Os cariocas também não ficaram sem o tradicional chopinho nos bares do Rio. Mesmo proibida, a venda foi livre. Menos sorte tiveram os eleitores de Sertãozinho, no interior paulista, que foram detidos, por estarem bebendo num bar da cidade. Em Brasília, a Polícia Militar mobilizou

sete mil homens que, no final do dia, registraram apenas 19 casos envolvendo o consumo de álcool.

Coletes Vermelhos

O resto foi folclore. Os brizolistas gaúchos tentavam entrar nos locais de votação uniformizados com coletes vermelhos onde se lia claramente o número 12: era uma tentativa de driblar a fiscalização. O PRN denunciou o fato à Justiça Eleitoral

— que também recebeu denúncia contra o PRN por manter seus boqueiros muito perto dos locais de votação. O PT não ficou livre: outra denúncia dava conta que o partido de Lula estaria utilizando camionetes para transportar eleitores. A polícia não registrou nenhum flagrante.

No Rio, o dia da eleição ocorreu em clima de Fla-Flu. Adultos e crianças participaram de carreatas e tudo se transfor-

mou num verdadeiro curso de carnaval, em que os confetes foram substituídos pelos santinhos dos candidatos. Houve muita torcida e pouca briga. Em cada esquina de Copacabana e Ipanema funcionavam movimentadas bocas-de-urna: brizolistas desfilavam com os tradicionais lenços vermelhos amarrados ao pescoço, enquanto os petistas faziam o barulho de sempre e os comedidos tucanos aderiam ao clima de carnaval. A maior concentração de pedestristas foi em frente ao prédio de Brizola, na avenida Atlântica. Brizola não resistiu e apareceu na janela para um aceno ao lado da mulher, Neusa, que roubou a cena dentro de um ofuscante vestido rosa-choque.

Invasão

Em Diadema, no ABC paulista, o comitê de Collor foi invadido e depredado. A acusação recaiu sobre 25 militantes petistas, que foram detidos e liberados logo em seguida. Em Osasco, o comitê de Covas foi parcialmente consumido por um incêndio: o prejuízo representou todo o material de propaganda, um sofá e um televisor. O PSDB transferiu o comitê para a calçada e a polícia apontou como causa aparente um provável curto-circuito. Ninguém foi detido.

Em Dourados, Mato Grosso do Sul, a polícia teve dificuldade em fazer o patrulhamento: há mais de um mês falta combustível para as viaturas.

Apesar de ter terminado em prisão em muitas cidades, a boca de urna foi liberada em Goiânia, onde os cabos eleitorais de Lula, Brizola e Collor conversavam animadamente à espera dos eleitores. Em São Paulo, os boqueiros que não respeitaram os 100 metros dos locais de votação foram todos punidos. Em Aracaju, não houve problemas com isso: os partidos preferiram guardar o investimento para o segundo turno. Em Fortaleza, a maioria preferiu aproveitar o dia de sol na praia. "Não é sempre que temos um feriado no meio da semana. Não é todo dia que votamos para presidente", festejava Giana Alves, dentro de uma minúscula tanga.

Em Mirandópolis, no interior de São Paulo, os japoneses e niseis da colônia de Yuba não aproveitaram o feriado: logo depois da votação, eles voltaram para a colheita da goiaba que ocupa toda a mão-de-obra da região. Votaram em Collor de Mello, seguindo a orientação do líder da comunidade Tetsuhiko Yuba, que mesmo assim acredita ter sido desobedecido por pelo menos 5% dos eleitores. Os moradores de Yuba trabalham dez horas por dia, mas Tetsuhiko acha que ainda é pouco: "É necessário trabalhar 15 horas, como os japoneses, e não só seis como querem os brasileiros".

Os colonos poloneses de Muricy, na região metropolitana de Curitiba, foram às urnas divididos entre Lula (por entender que é necessária uma urgente reforma agrária no País) e Ulysses Guimarães ("porque é o candidato que mais lutou pela liberdade dos brasileiros").

Sem compras

O maior reflexo da eleição no Brasil, contudo, foi sentido em Ciudad Del Este, antiga Presidente Stroessner, no Paraguai. Embora fosse um dia normal de trabalho naquele país, 90% das lojas estavam fechadas ontem, por falta de compradores brasileiros. Em Juiz de Fora (MG), o prefeito Alberto Bejani perdeu a compostura na fila da votação — e acabou agredindo fisicamente um eleitor que o chamou de "ladrão". Bejani não suportou as vaias representativas de sua inconstância política: no início da campanha, ele apoiava Collor, mudou para Brizola e voltou a aderir a Collor.

Liberada em alguns locais, a venda de bebidas alcoólicas foi severamente punida em outros. Em São Paulo, muitos comerciantes foram presos por não respeitar a lei seca. No Rio Grande do Sul, contudo, os gaúchos puderam beber quanto quiseram: foi o único Estado onde as bebidas estavam liberadas. E não houve incidentes por isso. Os juizes do TRE só orientaram os comerciantes no sentido de não servir bebidas a menores e a pessoas já alcoolizadas. "Nós não podemos coibir uma coisa que é um hábito em muitos municípios", explicava o corregedor do TRE Gilberto